

# 13. Deus passa por intermédio do humano

por Luigi Giussani\*

Os primeiros homens que difundiram o cristianismo no mundo tinham, portanto, a consciência clara seja de que o divino resplandecia no mundo por meio do que diziam e faziam, seja de que as suas palavras eram carentes, os seus gestos frágeis, as suas personalidades inadequadas, a sua condição humana mesquinha. E isto não os tornava conformados e resignados, mas os fazia correr com altivez, cotidianamente em luta, constantemente tendentes ao dom da salvação.

De resto, não apenas os personagens mediante os quais Deus se comunica parecem modestamente humanos, mas na própria vida das primeiras comunidades cristãs nos é lembrado que o encontro do homem com Deus – o aspecto supremo do problema da vida – e a participação no seu ser realiza-se maximamente em uma circunstância que poderíamos chamar vulgar: uma ceia normalíssima, uma simples refeição em comum era o âmbito no qual se realizava o envolvimento mais profundo e misterioso com o Senhor. O comunicar-se da vida divina com os seus dons passava pelo consumo do pão e do vinho. Não é indiferente a sensação de banalidade que o homem pode experimentar diante de uma tal práxis; o homem pode revelar uma sutil resistência diante daquele método misterioso, que é todo de Deus, de querer passar por intermédio do humano (enquanto que o homem tende a codificar como divino o seu pensar e o seu agir!).

E ainda mais: até a palavra que perdoa o pecado (e quem pode perdoar o pecado, senão Deus?) é palavra de um homem, passa através de uma miserável voz humana: “A quem perdoardes os pecados, eles lhes serão perdoados, a quem os não perdoardes, eles lhes serão retidos”.<sup>1</sup>

Não é tão fácil compreender existencialmente que o problema da Igreja é justamente este: Deus *quer* passar através da humanidade daqueles que ligou a Si no Batismo.

Eis como Charles Péguy exprime este inimaginável método de Deus:

“Milagre dos milagres, minha menina, mistério dos mistérios.  
Porque Jesus Cristo tornou-se nosso irmão carnal  
Porque pronunciou temporal e carnalmente as palavras eternas,  
*In monte*, sobre a montanha,

»

\*Do livro de L. Giussani, *Por que a Igreja*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 198-202

» É a nós, enfermos, que foi dada,  
É de nós que depende, enfermos e carnis,  
Fazer viver e nutrir e manter vivas no tempo  
Aquelas palavras pronunciadas vivas no tempo.  
Mistério dos mistérios, este privilégio nos foi dado,  
Este privilégio incrível, exorbitante,  
De conservar vivas as palavras da vida,  
De nutrir com o nosso sangue, com a nossa carne, com o nosso coração  
Palavras que sem nós recairiam desencarnadas. [...]  
Quer miséria, quer alegria, é de nós que depende,  
Tremor de alegria,  
Nós que não somos nada, nós que passamos sobre a terra alguns anos de nada,  
Alguns pobres anos miseráveis,  
(Nós, almas imortais)  
Quer perigo, risco de morte, nós é que somos encarregados,  
Nós que nada podemos, que nada somos, que não temos certeza do amanhã  
Nem do próprio dia, que nascemos e morremos como criaturas de um dia,  
Que passamos como mercenários,  
Somos ainda nós os encarregados,  
Nós que de manhã não temos certeza da noite,  
E nem do meio-dia,  
E que de noite não temos certeza da manhã,  
De amanhã de manhã,  
É insensato, somos ainda nós os encarregados, é unicamente de nós que depende  
Assegurar às Palavras uma segunda eternidade  
Eterna.  
Uma perpetuidade singular:  
É a nós que pertence, é de nós que depende assegurar às palavras  
Uma perpetuidade eterna, uma perpetuidade carnal,  
Uma perpetuidade nutrida de carne, de gordura e de sangue.  
Nós que não somos nada, que não duramos,  
Que não duramos pode-se dizer nada  
(Sobre a terra)  
É insensato, somos ainda nós os encarregados de conservar e de nutrir eternas  
Sobre a terra  
As palavras ditas, a palavra de Deus”.<sup>2</sup>

É preciso dar-se conta de que o que formulamos até aqui – quer dizer, que o fenômeno Igreja é caracterizado pelo divino que, como método de comunicação de si, escolheu utilizar o humano – implica aceitar que o humano faça parte de forma imprescindível da definição da Igreja. É quase óbvio que isto pareça absurdo, dado o limite humano, mas, se reconhecemos que a Igreja se define assim, nenhuma objeção ao cristianismo poderá, de forma lógica, tomar como ponto de partida ou pretexto a desproporção, a inadequação, o erro da realidade humana que forma a Igreja. Assim como, pelo contrário, o homem cristão, se é tal, não poderá usar como alibi os seus limites, mesmo que já *a priori* esteja definido que haverá limites: [...] o homem cristão, enquanto for todo tendente a pedir o bem ao Senhor, será sincero e dolorido no julgamento da sua própria incapacidade, da qual contudo Deus se serve. »

» [...] Se a Igreja é uma realidade humana, podemos encontrar nela homens indignos, pais incapazes, filhos rebeldes, pessoas mentirosas, trapaceiras, e podemos aumentar a lista, tomando como pretexto também os longos catálogos de faltas graves que encontramos nos próprios primeiros documentos do cristianismo. Mas se alguém quer verificar a presença anunciada do divino nesta miséria humana, não pode se prender na atônita constatação da miséria para chegar a dizer: o divino não pode estar aqui. Deverá adotar um outro critério: nenhuma miséria poderá anular o caráter paradoxal do instrumento escolhido por Deus.

---

<sup>1</sup> Jo 20,23.

<sup>2</sup> PÉGUY, Charles. Il portico del mistero della seconda virtù. In: PÉGUY, Charles. *Lui è qui: pagine scelte*. Milano: BUR, 1997, pp. 314-316. Cf. também PÉGUY, Charles. *I Misteri*. Milano: Jaca Book, 1997, pp. 211-213.